

471
14.946
3

RELACÃO
ABREVIADA,
EM QUE SE MOSTRA A ANTIGUIDADE
DA SENHORA
DA
ARRABIDA:

Quem a mandou esculpir; e que foi a primeira que appareceu no Reino de Inglaterra: que sendo trazida para este de Portugal pelo mercador Haildebrant, de quem era, desapareceu do navio: e que signal precedeu, para que elle, e os mais navegantes a buscassem, e achassem na montanha da ferra da Arrabida sobre hum penedo. Mostra-se mais qual foi o principio do Cirio que vulgarmente chamaõ dos Saloios: quanta he sua antiguidade em festejar todos os annos aquella soberana Imagem: que razãõ houve para que quando festejaõ levem varias offertas, e donativos á Senhora: em que tempo, e de que modo as entregaõ: que qualidades de offertas saõ; e como concluem todos os mais actos pios daquella sua annual funçaõ.

ESCRITA POR HUM DEVOTO
da mesma Senhora em seu louvor.



LISBOA
NA OFF. DE ANTONIO GOMES.

ANNO M. DCC. XCI.
*Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Tão antigo he este estylo, que ja o Rei dos Profetas no psalmo 44 o praticou; pois abi confessa que dedicára suas obras ao Rei: Dico ego opera mei Regi.

Movido deste costume, e incitado deste exemplo, entrei a solicitar para esta minha pequena obra Patrono, que a deffendesse, e auctorizasse; e nenhum outro me occorreu senão os Festeiros daquella soberana Senhora, que he o objecto desta abreviada relação, porque como a cada hum de seus illustres Festeiros considero cabalmente grande pelo heroico, e soberano de suas virtudes, seguro estou de que esta obra sabirá á luz triumphando das sombras, tendo nestes Festeiros, e em cada hum dos seus illustres Festeiros hum tal Patrono, que com seu amparo a defenda, e com a sua protecção a auctorize: tambem estou certo de que não rejeitara a sua benignidade este tenue sacrificio, que lhe offerece a minha cordial devoção, e esta pequenina obra, em que se occupou a minha penna: assim o espero, porque só assim poderá cobrar o lustre, que lhe não pôde, nem soube dar a tenuidade de meu ingenho, e ficdrão encobertos os erros da minha ignorancia, que nunca se atrevera a fazer-se patente ao mundo, se não me animara o cordial affecto, que a minha tibia devoção á sempre augusta, soberana, e sempre excelsa Senhora da Arrabida, cuja origem, e antiguidade neste Reino desejo fazer patente por meio desta abreviada relação, para maior culto, e veneração da mesma soberana Senhora, a quem rogo humildemente ampare, patrocine, e augmente nos bens espirituaes a todos os seus Festeiros. Lisboa 19 de Setembro de 1771.

PROLOGO

EXHORTATÓRIO AO LEITOR:

Posto que a maior parte desta relação já se acha escrita; toda via, como esteja em livros, que muitos, e muitos não tem, por isso pareceu que seria do agrado de Deos, em louvor da Virgem MARIA, ajuntar-se os dispersos por esses livros com outras informações daquelle Convento da Arrabida, para que este pequeno volume facilmente podesse chegar á mão de qualquer, e ler cada hum em pouco tempo tudo, quanto ha muito talvez desejaría saber. Além disto (segundo Santo Agostinho) não se ha de considerar o que alguém faz, senão o com que animo, ou tenção o faz, sendo a tenção de quem tal escreveu dar gloria a Deos, e augmentar a devoção da Virgem MARIA: isto he o que ha de cada hum considerar, e applicar-se tambem a dar a gloria ao mesmo Deos, e afervorar-se na devoção da Virgem quando o for lendo. Pois he certo que em todas as coizas, que se percebem pelos sentidos, e potencias, se achão motivos para louvar a Divina providencia: e isto he o que Deos quer, e a este fim se ordenaraõ as obras do mesmo Deos; (1) e he o que nos ensina S. Paulo, (2) dizendo: Ou comais, ou bebais, ou façais outra qualquer coiza, tudo referi, e dedicaí á maior gloria de Deos. Supostas estas verdades, para que ainda entre taes folhas de noticias ache cada hum, que as ler, fruto, diga: *Bemdito seja Deos, que permitio que a so-*
be-

(1) Prov. 16. 4. (2) 1. Cor. 10. 31.

berana Imagem deixando Inglaterra viesse para Portugal, e que logo ao entrar nelle livrasse da morte a Haildebrant, e seus companheiros. As mesmas palavras de louvor *Bemdito seja Deos*, póde ir repetindo quando lendo souber que a mesma Imagem desapparecendo do navio foi achada sobre hum penedo por meio de certa luz do Ceo: quando souber que Haildebrant por amor da Senhora: e por lhe fazer companhia perdeu todo o amor ás suas muitas riquezas, dando-as aos pobres. Pois tudo isto, e os outros muitos favores recebidos pelos que á dita soberana Imagem tem recorrido, a que fim se ordenaõ pela Divina providencia? A nenhum outro, senaõ a mostrar Deos o quanto deseja ser louvado, e sua Santissima Mãi na milagrosa Imagem da Arrabida, e a granda obrigaçaõ, em que estaõ os Portuguezes, de a venerarem com devoçaõ, porque passando mares, e sobindo montes, veio a collocar-se no da Arrabida, para dalli soccorrer aos que devotamente a implorarem.

Pelo que perpetuem-se todos na devoçaõ de taõ veneravel Imagem, reverenciando-a com algumas oraçoens, e adoraçoens todos os dias, desde o lugar onde qualquer se achar. Se porém quizerem, ou puderem vizitalla, seja o principal motivo das suas romarias o aproveitamento de suas almas, e a fim de voltar com efficazes propositos de naõ offender a seu bento filho: porque, ainda que todo, o que deveras quer ser salvo, deva sempre andar com esta resoluçaõ, com tudo a repartiçaõ, effeito, ou execuçaõ do proposito, por amor tambem da Virgem Mãi, he o obsequio mais bem aceito da Senhora, que podem fazer seus devotos.

RELAÇÃO ABREVIADA DA ANTIGUIDADE DA SENHORA DA ARRABIDA,

E de como veio de Inglaterra a Portugal.



S seculos passados floreceu a Fé Catholica no Reino de Inglaterra com taõ copiosos augmentos, que gloriando-se delles; mereceu gozar o titulo de Filho primogenito da Igreja. O primeiro, que nelle a plantou, foi Jozé de Arimathéa, discipulo de Christo Senhor nosso. No annó de Christo 183, governando a universal Igreja Santo Eleutherio, a rógos de Lucio, Rei entaõ de Inglaterra; lhe mandou a Fugacio, e Damiano para que o baptizasse, e aos vassallos: e acharaõ a todos taõ bem dispostos, que a huma voz Rei, e vassallos confessavaõ a Fé de Christo.

Destá sorte se conservavaõ até que, sujeitando-os ao seu dominio os Saxonios, idolatras de Alemanha Alta com o seu commercio se extinguiu outra vez a luz da Fé naquelle Reino. Porém no anno 596, mandando S. Gregorio Magno a muitos Religiosos da Ordem do Patriarca S. Bento, para que reduzissem aquelle Reino ao antigo esplendor de fiel Catholico, o fizeraõ com tanta gloria de Deos, que todos se converteraõ a Religiaõ Christã: e assim perseverou quasi mil annos; que tantos se contaõ até o do 1534, em que o desgraçado Henrique VIII, seguindo a brutal lei de seus appetites, introduzio naquelle Reino a heresia, em que hoje se vê sepultado. Isto supposto

He

He tradiçãõ muito constante, participada dos antigos naturaes, que aquelles ditos exploradores, que mandou S. Gregorio, edificáraõ hum devoto Oratorio; e mandando esculpir em pedra a Imagem de MARIA Santissima com o Menino Deos em seus braços, nelle a collocaraõ para ser de todos buscada, e venerada, sendo a primeira que entãõ appareceu naquelle Reino, e a que se hoje se venera no Convento da Arrabida.

Naõ deixaraõ os Inglezes de se mostrarem devotos, frequentando com visitas aquelle novo Santuario. Continuaraõ na devoçãõ, e continuou a Senhora nos milagres, que divulgavaõ a efficacia do seu patrocinio. Correrãõ os tempos, e seculos com os annos, e dilatando-se em todos a posse do Oratorio nos descendentes do primeiro, que offereceu o terreno para a sua erecçãõ chegou o tempo em que o possuia hum devoto, e opulento mercador, chamado Haildebrant. Este resolvendo-se a largar sua patria, e vir para Portugal, ou porque aqui lhe promettia o commercio maiores lucros, ou juntamente por outro motivo, embarcou aquella fazenda que lhe dava alentos á esperança de avantajados lucros, e a outra reduzio a dinheiro. E sobre tudo, como prevalecia em sua alma a devoçãõ, que tinha á sagrada Imagem da Senhora, lhe preparou na camera do navio hum lugar decente, e decoroso, para onde a conduzio.

Dado que teve os ultimos abraços a parentes, e amigos, se embarcou em o navio; e mandando largar, começou, a navegar com feliz successo. Em breves dias avistou a barra de Lisboa, para onde o levava o destino; mas como essa naõ era a determinaçãõ de Deos, o vento, que até entãõ havia favorecido o navio, se declarou contrario, trocando a bonança em tormenta taõ furiosa, que dando com ella aos navegantes funestas lições da sua inconstancia, tambem os obrigava a confessarem-se perdidos. Assim impellida dos furiosos ventos a lastimoza embarcaçãõ, dobrou o Cabo de Espichel, e onde chamaõ Alporruche, entre a barra de Setubal, e a ferra, se vio totalmente submergida, esperando os naveg-

gantes cada instante pela morte, com que o rigor da tempestade os ameaçava. Cobria a noite de lucto todas aquellas serranias, prognostico, que elles avaliaraõ infallivel da sua desgraça. Desesperados dos remedios humanos, recorrerã, aos Divinos, implorando da melhor estrella do mar MARIA Santissima, sua benefica influencia para triumpho de tantos perigos. Com o exemplo de Haildebrant foraõ os mais apresentar suas lacrimozas supplicas diante da soberana Imagem, que no navio traziaõ, obrigando a Senhora com orações a que puzesse termo á suspenção, em que havia posto o seu patrocínio para com elles, e não a acharaõ; porque daquelle lugar tinha desapparecido.

Despertou o inopinado successo em seus corações mais fino o sentimento para novas lagrimas, julgando-se á vista delle indignos do amparo da Senhora, pois lhes faltava, quando mais necessitavaõ: e attribuindo o motivo ás suas culpas, dellas contritos clamavaõ ao Ceo misericordia. A todos se avantajava Haildebrant nos suspiros, tanto mais magoado, quanto mais resentido, por se ver desamparado da presença da sagrada Imagem, e o navio por instantes indo-se a pique. Estando pois suspenso quasi entre mortaes desmaios, yio, e os mais companheiros com elle, que da parte da terra apparecia huma luz de taõ superior reflexo, que sem rebuços a declarava prodigiosa; porque, rasgando com seu resplendor a negra cortina da noite, fazia que se vissem por aquelle sitio os altos montes. O mesmo foi divisarem elles aquella luz, que appacar-se a tempestade, desapparecer a tormenta, e serenar-se a noite de tal modo, que parecia claro dia. De seus corações se desterrou a tristeza, ficando em maravilhosa alegria. Vendo-se livres do perigo, renderã a Deos as devidas graças pelo favor, e singular beneficio; não podiaõ com tudo mitigar a pena, que os affligia, especialmente Haildebrant, pela falta da Senhora. Mas como observaõ, que á vista daquella luz, que ainda persistia com a mesma intensão no resplendor, se havia serenado de repente a tempestade, conferiraõ não ser sem grande mysterio; e se determinaraõ a examinar pessoalmente o signal, que conheciaõ por prodigio. Tan-

Tanto que amanheceu , reconhecerão com toda a evidencia o perigo de que haviaõ escapado pela vizinhança da rocha , em que se achavaõ : e renovando os agradecimentos , repetiaõ a Deos louvores. Deraõ cumprimento á sua determinação , desembarcando sem receio no porto ; e assim sobindo pelo fragozo da ferra , e desprezando a aspereza , com que os molestava , caminhavaõ para aquella parte onde tinhaõ visto a luz quando mais sepultados nas obscuras sombras da noite.

Chegaraõ finalmente ao lugar onde hoje está a Ermida , que se edificou para memoria deste portento ; e nelle , sobre hum penedo , viraõ a prodigiosa Imagem da Mãi de Deos , reconhecendo ser a mesma , que no navio traziaõ , e delle se havia ausentado. Prostrados por terra a adoraraõ ; e em demonstrações de aggradecidos publicavaõ deverem ao seu patrocínio a felicidade , que gozavaõ. Com lagrimas explicavaõ seus corações a alegria , que entre assombros lhes causava a presença da Senhora , quando até entãõ sentidos , e saudozos pela sua ausencia.

A' vista do prodigio , que admiravaõ os aggradecidos navegantes se dividiraõ em varios discursos sobre se haviaõ de levar , ou naõ a sagrada Imagem para o navio. Porém Haildebrant , que o considerava com mais profunda intelligencia , ao nosso parecer superiormente illustrada , julgou que a Mãi de Deos fazia eleição daquelle lugar para nelle ser venerada : e assim , naõ consentindo que se transportasse para o navio , se resolveu a fazer-lhe companhia , entendendo que com esta resolução satisfazia á Divina vontade , que para este fim ordenara as tormentas , de que havia escapado ; e dispuzera que , ausentando-se a Senhora para aquella sitio , fora para manifestar com mais efficacia o seu patrocínio , e valer aos necessitados , que devotamente della se lembrarem , como haviaõ experimentado por meio daquelle prodigiosa luz , cujo reflexo , desfazendo a tempestade para os naõ perseguir , lhes alentara os corações para naõ desmaiarem.

Resoluto Haildebrant a fazer companhia á Senhora por toda a vida , distribuiu pelos companheiros parte

das suas mercancias , e as outras entregou a dous mais feus confidentes , para que as repartissem pelos pobres , reservando algum dinheiro , com que fez huma Ermida naquelle mesmo lugar , onde estava a Senhora , e junto a ella huma pequena casa para sua habitação. A todos ordenou que em certo tempo o visitassem , e á Senhora trazendo-lhe algumas offertas em memoria daquelle beneficio. Despediraõ-se faudozos ; e em repetidas orações de louvor á Senhora desceraõ a terra ; e embarcando-se foraõ morar para Alcantara , lugar junto á Cidade de Lisboa , do qual hiaõ todos os annos em romaria á terra visitar seu amado companheiro , e renovar obsequiosos os seus agradecimentos para com a Senhora , a quem offereciaõ varios donativos em reconhecimento de obrigados , para ornato da Ermida , e para sustentação do Ermitaõ Haildebrant.

Naõ eraõ sómente estes devotos navegantes os que frequentavaõ o caminho da terra : porque divulgando-se assim pelo Reino de Portugal , como pelo de Inglaterra o prodigio , que a Senhora tinha obrado em livrar aquelles da morte ; e na sua ausencia do navio mostrar-lhes por meio de huma superior luz o lugar , onde a achariaõ , de ambos os Reinos acodia muita gente a visitar o novo Santuario , huns alegres pelo que possuíaõ , e outros faudozos pelo que perderaõ ; mas todos devotos pelo que admiravaõ.

Vestido em habito de Ermitaõ assistio Haildebrant neste promontorio todo o restante da vida , guardando summa pobreza , e florecendo em perpetua oração , e fãntidade , servindo á Senhora com todo o disvelo , que naõ deixaria de lho remunerar com huma morte preciosa , pois se naõ descuida de valer nesta occasião áquelles , que na vida lhe tributaraõ fervorozos cultos. (1)

Do referido assimã póde colligir-se ter a Imagem da Senhora da Arrabida de antiguidade mil cento e setenta e quatro annos , que tantos se contaõ desde a Era de quinhe-

(1) P. Gonzag. pag. 1224.

nhentos e noventa e seis, em que consta ser esculpida, até á presente de mil setecentos e sessenta e tres; e juntamente ser a primeira de nossa Senhora, que se viu no Reino de Inglaterra, quando este foi convertido á Fé de Christo; e ahi venerada por espaço de seis centos e setenta e seis annos: e que sendo trazida daquelle Reino para este de Portugal pelo devoto mercador Haildebrant, desapareceu do navio, e por meio de huma luz do Ceo foi por elle, e seus companheiros achada sobre hum penedo da serra da Arrabida, ha pouco mais de quinhentos e sinco annos. Mostra-se haver tantos annos que isto succedeu, porque no anno 1258 deu Haildebrant obediencia ao Bispo, e Cabido de Lisboa, como consta de huma escriptura, que se achou no cartorio do Sé. Destes quinhentos e sinco annos, duzentos e vinte e quatro ha que foi entregue a dita Imagem ao cuidado dos Religiosos, porque ao seu fundador Fr. Martinho no anno mil e quinhentos e trinta e nove em 29 de Setembro.

Muitas eraõ ás Confrarias que antigamente festejavã aquella Senhora todos os annos; mas como sempre o muito concurso de gente fosse repugnante á vida solitaria, e contemplativa, offereceu-se-lhes para estas festas as duas Ermidas de nossa Senhora do Cabo, e de El-Carmen, que logo aceitaraõ, e para ahi se transmudaraõ. Só os Festeiros do Cirio dos Saloios de Alcantara, como mais antiga, (pois teve o seu principio nos companheiros de Haildebrant) e como fiel substituta destes na devoçaõ á Senhora, lhe ficou tributando todos os annos cultos, offertas, e visitas, conforme aquelles primeiros em veneraçã da Senhora instituirãõ. E para que estes cultos da Senhora se perpetuassem, fizeraõ os antigos Festeiros Compromisso de toda a funçaõ da festa, e o approvaraõ pelos Eminentissimos Senhores Arcebispos, e patriarchas de Lisboa.

Por quanto na festa destes Festeiros se observaõ algumas ações que naõ se achaõ praticadas em outros Cirios, por isso como pias, e antigas vaõ abaixo declaradas.

Tres dias gastaõ na celebridade, que vem a ser a Festa feira, o Sabbado, e o Domingo infra octava da Ascençãõ

de Christo Senhor nosso. Na Selta pela manhã fazem hum officio de defuntos solemne com Missa cantada, e Sermaõ pelas almas de todos os Festeiros defuntos, e no fim hum responso cantado. Neste mesmo dia pelas seis horas da tarde o Juiz, e Officiaes da Mesa com outros Festeiros, ornados todos com suas insignias, e juntos em hum corpo, e fileira, indo diante o estendarte, e os mais instrumentos festivos sonoramente soando, entraõ pela portaria, e vaõ pôr no refeitório as offertas, que cada hum traz para collação dos Religiosos naquelle dia, e o peixe para jantarem no outro.

No Sabbado pelas oito horas vem o Prelado com a Communidade ao alpendre da Igreja a benzer o paõ, e bolos; e voltando para dentro da Igreja, na Capella de joelhos principiaõ dous cantores a Ladainha de nossa Senhora, e levantando-se toda a Communidade a vai cantando até á sahida do adro, onde estaraõ já os Festeiros preparados; e principiando a mesma Ladainha daquellas palavras, a que a Communidade tinha chegado, a vai cantando em procissão pela serra abaixo até á lapa de Santa Margarida, onde ouvem Missa.

Este acto de louvores, que á Senhora ainda hoje tributaõ os Irmãos Festeiros em ir cantando a sua Ladainha até junto do mar, he em memoria do primeiro, que ha pouco mais de quinhentos e tres annos fizeraõ os devotos companheiros de Haildebrant, que acharaõ a sua Imagem; porque descendo a serra para embarcarem para Alcantara, em desafogo da saudade, que levavaõ da soberana Imagem, lhe iriaõ rezando, e cantando a Ladainha, e renovando a promessa de a visitarem. e servir em quanto estivessem na terra, como Haildebrant lhes encommendara.

No mesmo Sabbado de tarde vaõ á Ermida da Memoria, e em triumpho com danças, e festejos trazem huma pequena Imagem da Senhora, que consigo levaõ; e tanto que o andor, em que a trazem os Festeiros, chega ao adro, o Prelado com a Communidade, que ahi se acha, em procissão a recebem, e lhe vem cantando o

Magnificat até á Capella, onde poem o andor; e acaba-da de cantar a *Regina cæli*, e Oraçaõ, a tiraõ d'elle, e se colloca no Altar. A's seis horas com a mesma ordem vaõ os Festeiros ao refeitorio levar tudo como na Sexta feira. Neste mesmo dia repartem, e distribuem o bodo.

No Domingo pela manhã fazem a eleiçaõ (se naõ houve tempo de a fazerem no Sabbado) dos Officiaes, que haõ de servir o anno seguinte, a que assiste o Prelado do Convento com hum religioso mais antigo; e feita huma breve pratica, lha confirma: e todos com muita paz, e alegria daõ os parabens huns aos outros de servirem a taõ grande Senhora.

Depois disto, quando he tempo, expoem-se o Santissimo Sacramento, entoa-se a Missa de nossa Senhora; e dos seus louvores com o titulo da Arrabida consta o Sermaõ. Ao Offertorio, voltando-se o Sacerdote (que ordinariamente he o Prelado) com o rosto para a Igreja, logo os Irmãos Festeiros, desde a porta principal até á grade, vaõ passando de maõ em maõ as offertas, e donativos, que todos os annos trazem em louvor de nossa Senhora para os seus servos, e os entregaõ na entrada da Capella a dous Officiaes da Mesa, ou (como ha poucos annos ainda costumavaõ) a dous mancebos ricamente vestidos em fórma de Anjos; e estes com as primeiras offertas do paõ ajoelhando no ultimo degrau de presbyterio, tanto que o celebrante lhes bota a bençaõ, vaõ entregallas a dous Religiosos á porta da Capella. Na entrega das mais coizas, que se seguem, ajoelhaõ no meio da Capella, e naõ recebem bençaõ; mas, concluido este devoto acto, bejaõ o manipulo ao celebrante. As offertas, e donativos vem a ser cera, incenso, e ramalhetes, sendo necessarios; e para o uso da Comunidade levaõ paõ, arroz; manteiga, e diversidade de legumes, castanhas, passas, e nozes, bacalhau, letria, e allucar, panno, papel, e outras cousinhas comestiveis, e naõ comestiveis; e de cada huma das referidas já determinada porçaõ: e para cada Religioso entregaõ em hum prato huma quarta de tabaco, lenço, colhér de poa, rol-

rollo , medida de nossa Senhora, e humas contas.

Acabada a Missa, e encerrado o Santissimo, recebe o celebrante a Imagem da Senhora da Arrabida que os Irmãos Festeiros trazem todos os annos; e cantando-lhe com a Communidade o *Magnificat*, a vai collocar em hum Altar, que já os Festeiros tem muito bem preparado fóra do adro em huma barraca de toldo; e acabada de cantar tambem a *Regina caeli*, e a Oração, retira-se a Communidade, ficando a Senhora alli todo o restante da tarde. Nesta mesma barraca em presença da Imagem da sua Senhora da Arrabida poem os Irmãos Festeiros duas grandes mezas, em que dão logo hum magnifico jantar aos pobres, e a outras pessoas, que vindo á festa se querem aproveitar das suas iguarias. Todas as diligencias deste caritativo acto são feitas em memoria a exemplo, e á imitação do que obrou o devoto mercador Haildebrant, quando naquelle memoravel dia, em que achou a Senhora sobre o penedo, em sua Real presença, por seu amor, e por lhe fazer companhia, poz a grandiosa mesa de suas muitas riquezas aos pobres, ordenando aos companheiros que, chegando a alcantara, lhas repartissem. Aquelle especial acto da entrega dos varios donativos, feita ao Offertorio da Missa da festa, representa o mesmo que faziaõ das suas offertas, e donativos os companheiros do dito Haildebrant, quando com taes demonstrações de agradecidos todos os annos visitavaõ a Senhora.

R E F L E X A Õ .

SEndo este acto do offerecimento dos donativos á Missa so que particulariza, e faz celebre o Cirio dos Saloios pela variedade de offertasinhas, que apresenta a nossa Senhora para seus Ministros, com tudo he digno de reparo que ainda assim houvessem Officiaes da sua Mesa, que pretenderaõ tirar o taõ devoto, como antigo costume de levarem as taes offertas, querendo dar em seu lugar huma certa quantia de dinheiro. Esta commutação, que,
por

por ignorarem ainda o explicado neste papel, lhes parecia boa, nunca convem fazer-se; porque ella feita, como queriaõ, prejudica aos mesmos Festeiros, e áquelle Convento; ao Convento, porque ficavaõ os Religiosos sem as offertas, que, por serem primeiros frutos apresentados a nossa Senhora pelos inventores da sua Imagem, como primicias da sua devoçaõ, dizem elles que devem estimar em mais, do que qualquer muito grande quantia, promettida pelos successores em lugar das taes offertas-finhas. Ao mesino Cirio prejudicava aquella intentada commutação; porque, seguindo-se, ficavaõ os Festeiros privados de regalias, que só a este Cirio são permittidas; e em perigo de perder totalmente quanto por mais antiga lhe foi concedido.

Por tanto com razaõ se empenhaõ já os Irmãos Festeiros em persuadir huns aos outros que não se falte a cousa alguma do antigo. No que bem mostraõ que continúa nelles a devoçaõ, com que os primeiros visitavaõ, e festejavaõ a Senhora, levando-lhe suas offertas, e donativos; pois todos por experiencia confessaõ que tudo, quanto dispendem puramente em louvor da Senhora, lhes he dado outra vez multiplicado em bens espirituaes, e temporaes. Com esta certeza, e confiança de que Deos nosso Senhor sempre a cada hum, que o serve, dá mais do que merece, e com zelo verdadeiro de sua maior gloria, procurem muito examinar se nos festins annuaes se intromette algum que, por entremez, fica só dos sentidos intertimento, e das almas perigo do aproveitamento; porque nem Deos, nem os Santos, a cujas Imagens se dedicaõ taes festas, as aceitaõ; pois he zelo falso, e não virtude, querellos honrar com vicios, como abaixo se verá declarado por hum illuminado Oraculo.

Finalmente por esta razaõ (já que se falou em Cirios, e suas Irmandades, ou Confrarias, e porque ha muitas neste Reino, que se empenhaõ em festejar tal, ou tal Santo, ou Imagem milagrosa de nossa Senhora) tambem parece que será coiza util copiar aqui as mesmas palavras do doutissimo, e veneravel Padre Bernardes da Congre-

gação do Oratorio, que na 1. parte da sua *Luz, e Calor*, dout. 4. n. 79., fol. 59., tratando ahi das virtudes fallas, quando escreve do zelo falso, que muitos tem, diz assim: „ Tal he tambem o zelo, que não poucos tem „ do culto de tal, ou tal Santo, esta, ou aquella in- „ vocação, ou Imagem milagrosa da Virgem Senhora „ nossa, que por essa causa, e indiscreto empenho, fa- „ zem ranchos, e parcialidades, e consideraveis dispezas, „ (cujo fruto, como a sua raiz, mera vaidade) e se „ motejaõ, e satyrizaõ de parte a parte. Outros querem „ honrar as virtudes dos Santos com vicios, com touros, „ e comedias, e festins descompostos, e immoderações „ no comer, e cantares profanos. Similhante zelo he fo- „ go, que prende em materia mui grossa, e verde; por „ isso dá chamma taõ escura, e turbada. „ Até aqui ao nosso intento fala o veneravel Padre do zelo falso a fim de o desterrar de quaesquer animos, onde se achar, e de plantar em seu lugar a virtude do zelo verdadeiro, que elle tinha da gloria de Deos, porque tambem muito amor de Deos; pois o zelo verdadeiro suppoem não só amor de Deos, senão muito amor de Deos, segundo elle tambem diz. E como as Obras deste veneravel Padre, por certo nascidas do fervor do espirito, (que he o zelo verdadeiro) (1) tem produzido taõ bons frutos nas almas dos que á sua leitura se applicaraõ, com razaõ se espera que suas referidas palavras façaõ tambem algum fruto nos animos dos que desejaem conhecer que o zelo, com que obravaõ até agora taes excéssos, e festins pelos Santos, não era verdadeiro; mas sim falso, e sem-fruto diante de Deos; porque sua raiz era mera vaidade, de cujos amadores lá se queixa o mesmo Senhor, perguntando-lhes por David: Para que amais a vaidade, e buscais a mentira? (2)

(1) D. Thom. 2. 2. q. (2) Psalm. 4.